

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 146 — Domingo, 25 de Março de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA  
"CARA ALEGRE"

A melhor revista  
portuguesa de humorismo  
À venda nas Livrarias — Preço 4\$00

AVENÇA

## JOÃO DE DEUS GUIMARÃES POLÍTICO E JORNALISTA NOSSO CONTERRÂNEO

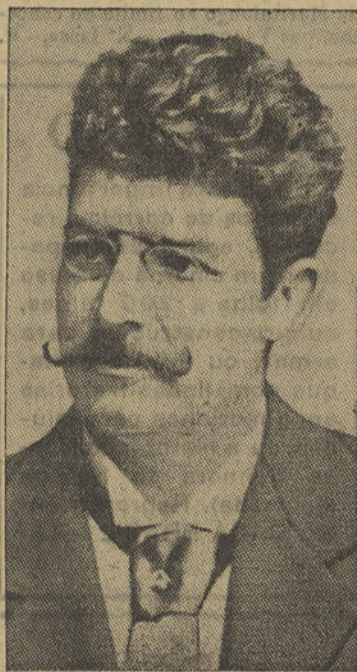
PO manusear, há dias, uma recente publicação sobre funcionários dos Correios, deparou-se-nos o nome de um filho de Vila Real de Santo António, cuja existência era por nós ignorada. Trata-se de João de Deus Guimarães, que nasceu na nossa vila em 1865 e era irmão da finada poetisa, também nossa conterrânea, Lutgarda Guimarães de Caires.

João de Deus Guimarães, que morreu em Lisboa em Março de 1925, estudou em Coimbra, foi telegrafista auxiliar e tirou o curso de engenheiro electrotécnico.

Dos C. T. T. passou, mais tarde, para o Conselho Superior de Obras Públicas e Minas. A sua vida política foi muito agitada e no tem-

po da monarquia viu-se constangido a bater-se em duelo. Desempenhou as funções de secretário de Elvino de Brito, quando este sobraçou a pasta das Obras Públicas. Ingressando nas fileiras republicanas, o seu irrequietismo e inconformismo criaram-lhe situações de tal modo insustentáveis

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)



João de Deus Guimarães

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Crónica de Março

Mora perto de mim uma árvore. Não sei o nome dela. Imperdoável. É bom saber nomes, quando esses nomes falam de bondade, de beleza, de alegria de viver. Mas acabou-se, não lhe perguntei ainda. O que não impede que a tenha no coração e a trate por irmã. Passo por ela todos os dias. Conhece-me e distingue-me — já jurar! — do resto das pessoas. Pois a minha amiga está em festa. Toda de branco. Ela canta, ela ri, ela, sem sair do mesmo lugar, abre um passo de dança, lento, e imobiliza-se como se estivesse no fotógrafo.

Vendo-a, uma estranha sensação se apodera de mim. Não vos aconteceu já ter tanto gosto de cantar que a voz sai rouca e desafiada? As palavras agrupam-se em volta dos meus dedos, em turbilhão: vida, selva, amor, a vitória da vida, canção da paz... Digo bem, em turbilhão. Emocionada, não posso tomar conta delas. Devo arrefecer, descer da altura desordenada, tanger suavemente as palavras para dentro do poema. O poema que ainda começa. Assim:

A árvore fecundada estremeceu.  
Sua hora chegou.  
Serenamente  
àquela voz que diz: «Floresce!»  
floresceu.

Depois, a emoção desequilibrrou-me. Tentei mais uma vez. Em vão. «Jonglouse» desastrosamente, as lâminas caíram-me todas de gume para baixo. Minha ideia era dizer que a vida caminhara distâncias infinitas para chegar ali. Que de húmus negro passara a asa de anjo, de sombra encoberta a estrela. Finalmente espreitava da árvore, felis, como uma menina de tranças à janela.

A maneira de dizer isto é que os meus dedos não filtraram. Comecei a complicar. A fazer incursões pelo telurismo, o cosmismo, sei lá. Desisti.

Nada a fazer, agora. Paciência.  
(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## COMÉRCIO com o Leste da Europa

Nos acordos celebrados com o leste europeu (Checoslováquia, Hungria, Polónia e Alemanha Oriental), foi estabelecida a exportação para aqueles países de diversas mercadorias, das quais dizem directamente respeito ao Algarve as seguintes: conservas de peixe e de fruta, frutas secas e frescas, cortiça em bruto e manufacturada e farinha de peixe.

## UM NOVO TIPO DE CASAS ECONÓMICAS PARA FAMÍLIAS DE MODESTOS RENDIMENTOS

O «Diário do Governo» publicou, pela Pasta das Corporações e Previdência Social, um decreto-lei, criando uma nova classe de casas económicas, que se destina especialmente a abranger as famílias de modestos rendimentos.

Do referido diploma, transcrevemos o seguinte passo, que por si só revela o critério que presidiu à sua elaboração:

«Verifica-se, na verdade, que presentemente não têm possibilidade de acesso à habitação própria os agregados familiares de rendimento mensal inferior a 1.000\$00.

Julga-se que, com a criação duma nova classe (classe a) destinada especialmente a trabalhadores auferindo remunerações mensais compreendidas entre 600\$00 e 1.400\$00, será possível, de futuro, ir de encontro às reais necessidades das famílias mais carecidas de protecção.

Desta forma se procuram abrir novas perspectivas de construção de casas económicas, mórmente nas regiões da província em que os salários são, em regra geral, mais baixos e em que os trabalhadores se vêem obrigados, tantas vezes, a longos e penosos percursos, em consequência da crise da habitação.»

Esta nova modalidade vem, sem dúvida, dar possibilidades a muitos agregados familiares de possuírem uma moradia. Resta apenas que a freguesia de Vila Real de Santo António não seja esquecida no que diz respeito a este novo tipo de casas económicas, para que delas possa beneficiar a numerosa classe de modestos rendimentos que existe espalhada por toda a região.

## ASPECTOS DA VIDA MODERNA

# MISTIFICAÇÕES LEGAIS

Por MARCOS ALGARVE

OS padres e os advogados constituem duas classes especiais, duas classes que, geralmente, encaminham os povos pelos atalhos do Céu e da Lei.

Ora como hoje me sinto um pouco melhor do que ontem, aproveito esta abertura de paz física e espiritual para me alongar em conceitos de ordem religiosa, legal e social, procurando aproveitar o tempo que me separa do Céu para aplanar dificuldades que algum inimigo oculto me coloque no caminho.

À cautela, porém, vou prestando culto aos advogados que conheço e são,

sem forçar a comporta das águas salgadas, uns amigos que estimo e uns fanáticos respeitadores da Lei.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## CARTA DE LONGE

# A IMPRENSA PERIÓDICA EM MACAU

Por J. DE GARVALHO E RÊGO

A VERDADEIRA imprensa periódica na China só começou no século XIX e sob influências estrangeiras. A Macau cabe a primazia na publicação dos primeiros jornais, em 1817; Hong-Kong, colónia inglesa, inicia a sua imprensa em 1855, e em Xangai, na concessão europeia, aparecem as primeiras folhas em 1857. Assim é, de facto, se não contarmos com as folhas oficiais, que

na China se publicam desde tempos remotos.

Foi, pois, na velha cidade do Santo Nome de Deus que se publicaram os primeiros jornais, sem que antes, na China e em todo o Extremo-Oriente, tal sistema de expansão de ideias e de pensamento fosse usado.

A história da imprensa em Macau é curiosa e cheia de interesse: porém intermitente e sem aquela sequência que seria para desejar. A falta de entusiastas, de quem queira trabalhar na espinhosa missão do jornalismo, foi sempre a causa do resvalar de certas iniciativas, que muito poderiam concorrer para a boa formação da opinião pública. Ler ou não ler e criticar é mais fácil e cómodo; e está mais no modo de ser de muitos portugueses, que, pouco ou nada produzindo, da lancha fazem quase modo de vida.

No entanto, Macau — depois da Índia Portuguesa — pode orgulhar-se da sua imprensa periódica, pelos vários jornais, revistas e outras publicações que, por vezes, marcaram com sucesso e são

## ARRUAMENTOS de Castro Marim

O sr. ministro das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, concedeu à Câmara Municipal de Castro Marim a comparticipação de 37 contos, para reparação de arruamentos.



Major Sousa Nunes

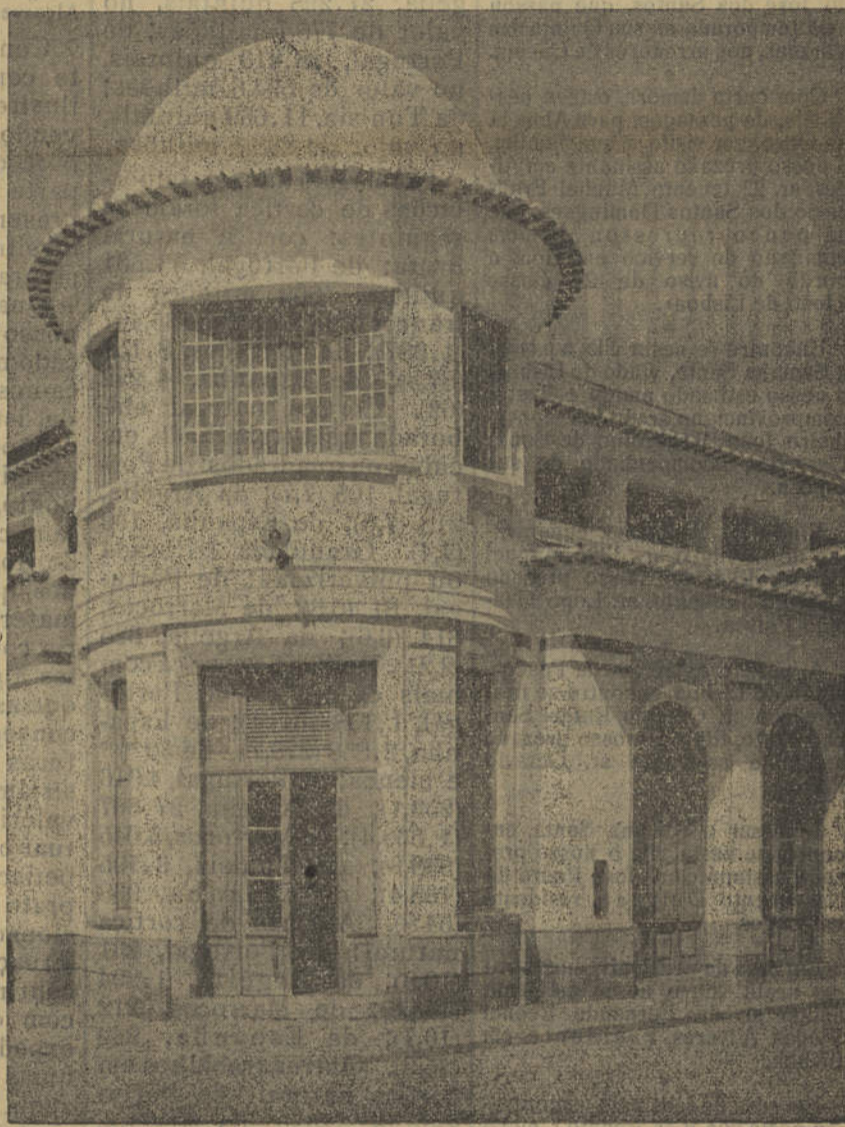
# O PROBLEMA DOS MERCADOS em Vila Real de Santo António

ESTÃO a decorrer as obras de construção do mercado provisório de peixe nas ruínas da fábrica Salles, onde já foi construída a casa da lota, também provisória. Impunha-se, de facto, a transferência do velho mercado, visto ele não oferecer os necessários requisitos de higiene e ainda constituir, com a demolida casa da lota, um estorvo à visão do nosso lindo rio.

Esperamos agora que a solução provisória deste problema não passe efectivamente de provisória. Segundo cremos, tenciona a Câmara Municipal, de acordo com o plano de urbanização, construir os mercados hortícola e de peixe à entrada da vila, dando-lhes a amplitude que eles carecem e evitando-se cair no erro que representou a construção do mercado 1.º de Maio, que logo se viu ser pequeno para as necessidades da população.

Há que ter em conta que esta vai aumentando e impõe-se realizar obra que sirva por dilatados anos. Há, talvez, quem não concorde com a futura localização dos mercados, mas a verdade é que não vemos sítio que melhor sirva para a implantação de tais imóveis, que forçosamente hão-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Um aspecto do mercado 1.º de Maio, hoje insuficiente para as necessidades locais

# GIL EANES

## NA PASSAGEM DO CABO BOJADOR

Pelo MAJOR SOUSA NUNES

A ILHA da Madeira fora dividida em duas capitânias, a do Funchal e a do Mochico e entregues a primeira a João Gonçalves Zarco e a segunda a Tristão Vaz Teixeira, ficando am-

bos na obrigação de as povoar e agricultar.

Catorze anos decorreram, depois da sua descoberta e a viagem ao longo da costa, como o infante desejava, não avançou mais do que o espaço do vó de uma perdigota. As ondas que batiam no promontório afiguravam-se aos navegantes desmedidas chapadas de água arremessadas por gigantes, para adernar os ousados navios que se arriscavam e despejar o seu conteúdo no fundo do abismo.

Via-se ao longe a espumarada, e o ruído delas, produzindo um tal pânico que as velas mudavam por si de rumo! Entre os servidores de D. Henrique, um dos que mais se envergavam da sua fraqueza de ânimo chamava-se Gil Eanes, moço bastante novo, de quem se não sabia mais nada senão que nascera em Lagos e

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

apresenta

# UMA CRÓNICA por semana

MAIS uma vez damos a palavra a um colega da imprensa e fazemo-lo sempre gostosamente quando há interesse, concisão e oportunidade no que se escreve.

Com o aumento do trânsito, tanto nas estradas como nas aldeias, vilas e cidades do País, o problema carece de ser encarado tan-

tas vezes e por tantos, até que logre obter a necessária série de soluções, que constantemente devem ser revistas e renovadas, que se impõem.

O código da estrada que há pouco foi posto em vigor, e posteriormente alterado, será em breve um documento caduco, a

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, estiveram nesta vila os nossos prezados amigos e assinantes em Lisboa, srs. eng. Carlos José Freire Medeiros e Manuel Medeiros Bravo, que já regressaram à Capital.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o sr. dr. Armando Celorico Drago, nosso prezado amigo e assinante em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, regressou a Lisboa o nosso prezado assinante sr. brigadeiro Eduardo José dos Santos, que passou uma temporada na sua Quinta das Várzeas, nos arredores de Caceia.

Com curta demora, esteve nesta vila, de passagem para Almada de Ouro, em visita a sua família, o nosso prezado assinante em Al-gés, sr. 2.º tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues, que há pouco regressou de uma comissão de serviço em Goa, a bordo do aviso de 2.ª classe «João de Lisboa».

Encontra-se nesta vila, a passar a Semana Santa, vindo de Lisboa, o nosso estimado amigo e illustre comprovinciano sr. dr. juiz-conse- lheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, acompanhado de sua esposa.

Vindo de Santarém, encontra-se nesta vila o sr. João Manuel Faisca, filho do nosso prezado amigo e assinante, sr. Lopo Gus- mão Faisca.

A passar as férias da Páscoa, vindo de Lisboa, encontra-se nesta vila o sr. Octávio Rafael Sancho Pinto, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. Octávio Pinto.

A passar a Semana Santa, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. José Pedro do Nascimento Delgado, residente em Lagos.

Em casa de seus pais, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. dr. Fernando Leonel Viegas A'lvares, residente em Lisboa.

Em casa de seus pais, encontra-se nesta vila o sr. Renato Celorico Drago, filho do nosso estima- do amigo e assinante, sr. Hugo Celorico Drago.

Vindo de Paço de Arcos, onde está a prestar o serviço militar, encontra-se nesta vila o sr. Antó- nio A'guedo Afonso Gomes.

Encontra-se em Coimbra aonde foi passar as festas da Semana Santa e Páscoa com sua família, a nossa prezada assinante sr.ª prof. D. Maria dos Anjos Neves.

Vimos nesta vila, com breve demora, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Plácido da Silva Negrão, residente em Faro.

A passar as férias da Páscoa com sua família, chegou a esta vila o nosso amigo sr. José Norberto Pereira Domingues, estu- dante de engenharia em Lisboa, que há pouco foi licenciado do Exército.

De visita a sua mãe e irmão, que se encontram gravemente en- fermos, vimos nesta vila o nosso prezado amigo sr. Manuel José Moraes Rodrigues, residente em Faro.

Casamento

Em Lisboa, realizou-se, no pas- sado dia 3 corrente, na igreja de S. Mamede, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques, filha da sr.ª D. Maria Clara Vaz de Barros Vas- ques e do sr. José Maria de Barros Vasques, com o sr. Frederico dos Santos Lopes Rodrigues, pro- fessor do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, filho da sr.ª D. Teresa Amélia S. Lopes Rodrigues e do sr. Frederico Rodrigues.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Ra- quel Santos Silva Franco e o sr. José Maria de Barros Vasques, e por parte do noivo, a sr.ª D. Ivone Viana do Espírito Santo Silva Cavaco e o sr. António Rosa Cavaco.

Na igreja de S. Mamede, de que é pároco monsenhor Freitas Bar- ros, primo da noiva, foi celebrada a cerimónia pelo rev. cónego da Sé Patriarcal, D. João de Castro (Nova Goa), assistindo também os revs. padres Acácio Carneiro, coadjutor da freguesia, e Manuel Arouca, do Patriarcado, tendo no final sido dada aos noivos a Ben- ção Papal.

No final da cerimónia e no res- taurante Tágide, foi servido um abundante e fino «lunch» aos convidados.

Aos nubentes, o «Noticias do Algarve» deseja muitas felicida- des.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Conservas e cortiça No ano findo, a França importou as seguintes quantida- des de conservas de sardinha: de Marrocos, 105.829 quintais, no valor de 3.387,2 milhões de francos; da Argélia, 27.298 quintais, no valor de 775,7 milhões; de Portugal, 28.213 quintais, no valor de 594,6 milhões; da Tunísia, 11.669 quintais, no valor de 298,1 milhões.

No mesmo ano, as impor- tações de cortiça foram as seguintes: cortiça natural bruta: de Portugal, 53.561 quintais (869 milhões de francos); da Argélia, 135.467 (1.387); de Marrocos, 8.157 (87,3); de Espanha, 4.222 (62). Cortiça natural elabo- rada meia-trabalhada, em cubos ou quadrados: de Por- tugal, 105 (7,7); da Argélia, 213 (7,5); de Espanha, 139 (4,4). Granulada triturada ou pulverizada: de Portu- gal, 81 (0,8); de Marrocos, 814 (6,6); da Argélia, 325 (2,2). Rolhas de cortiça com mais de 50 mm: de Portu- gal, 1.158 (103,1); de Espa- nha, 2.858 (276,7)—de 50 mm e menos: de Portugal, 4.316 (253,1); da Argélia, 27.387 (1.539,4); de Marrocos, 5.045 (338,6); da Tunísia, 3.195 (188,4); de Espanha, 938 (54,8). Anilhas de cortiça natural: de Portugal, 231 (10,9); da Argélia, 1.294 (145,3); de Marrocos, 212 (16,7); de Espanha, 342 (25,9). Outros trabalhos em cortiça natural: de Portu- gal, 141 (23,9); da Argélia, 262 (11,8); de Espanha, 111 (18). Rolhas de cortiça aglomerada trabalhada: de Portugal, 23 (2,5); de Mar- rocos, 1.490 (47,5); de Espa- nha, 152 (19,8). Anilhas de cortiça aglomerada tra- balhada: de Portugal, 49 (1,2); de Marrocos, 3.523 (116); da Argélia, 18 (1,1); de Espanha, 14 (0,4). Ou- tros trabalhos de cortiça aglomerada: de Portugal, 92 (2,6).

A produção espanhola de alfarroba, nos últimos cinco anos, em mil- hares de quintais, foi a se- guinte: 1951-1.042; 1952-1.249; 1953-641; 1954-920 e 1955-1.184. A média foi de 997 milhares de quintais, muito superior, portanto, à verificada no decénio de 1941-50, que apenas atingiu 860 milhares de quintais.

O nosso illustre comprovinciano, sr. dr. Ama- deu Ferreira de Almeida, sabendo que se encontra em Lisboa uma missão de importadores norte-americanos, que veio firmar um contrato com indústrias de conservas portu- guesas, procurou, como bom algarvio que se inte- ressa pela sua província, um dos membros dessa mis- são, o sr. Léon Rubin, a fim de tentar interessar os ame- ricanos no nosso atum. As conclusões dessa entrevista foram as seguintes:

«A missão não está interessada na compra do nosso atum por na América só se consumir atum branco, que compram no Japão e no Perú. Será preciso primeiro convencer a população americana de que o nosso atum rosado em nada é inferior, se mesmo não melhor. Nisso podiam ajudar-nos as nossas numerosas colónias bem organizadas naquele país. Mas isso leva algum tempo. Outro grande obstáculo, segundo o sr. Martin, é Portugal não fazer parte do G. A. T. T. (Acordo Geral de Taxas e Comércio), a que até pertence o Japão, e sem o qual as

conservas portuguesas pagam na América mais elevados direitos al- fandegários do que qualquer mem- bro daquela convenção. E' evidente que este obstáculo precisa de ser removido imediata- mente, antes de poder começar uma inteligente propagação de todos os exportadores portugueses de atum, pelo que chamamos a atenção do nosso Ministério dos Negócios Es- trangeiros e dos deputados pelo Algarve.»

Concordamos plenamen- te com o apelo do nosso illustre comprovinciano, de- vendo esclarecer que, em- bora o nosso País não faça parte da G. A. T. T., goza presentemente dos mesmos direitos dos países que as- sinaram o referido acordo.

Quanto à propagação do nosso atum no voraz merca- do norte-americano, pare- ce-nos muito difícil tentá- la, isto porque a nossa pro- dução é tão exigua que não permite devaneios nesse ponto, devaneios que cus- tam centenas de milhares de dólares em publicidade, dos quais, por escassez de matéria prima, não se obteria compensação. Se as artes algarvias, as actuais ou outras de maior eficiência, conseguissem realizar cap- turas volumosas do saboro- síssimo peixe, então sim, valeria a pena tentar habi- tuar os norte-americanos ao petisco delicioso que é um prato de atum bem confecio- nado. Assim, perante a situação actual, teremos que continuar a contentar-nos com o mercado italiano e expedir, de vez em quando, umas caixas para a Vene- zuela ou outros insignifi- cantes mercados. E' tudo quanto se pode fazer perante uma produção tão peque- na de atum. Oxalá ela fosse muito maior!

Sabemos que chegaram a bom termo as conversa- ções entre industriais de conservas portuguesas e a missão norte-americana que esteve durante alguns dias em Lisboa, para a colocação na América do Norte de muitos milhares de caixas de sardinha na próxima temporada.

Trata-se não só de sardi- nha sem pele e sem espi- nha como de sardinha inte- ira e de anchovas e tam- bém de atum branco. Da missão faziam parte repre- sentantes de uma das maio- res organizações america- nas de distribuição de arti- gos alimentares que se com- prometem a fazer larga publicidade das nossas con- servas naquele insaciável mercado da outra banda do Atlântico. O Sotavento este- ve representado nas im- portantes negociações pe- los nossos conterrâneos, os industriais srs. Mário Rami- rez e João Folque e Brito. Esperemos agora que o mar corresponda ao esforço dos homens e que os industriais armadores aproveitem o en- sejo para se profissionali- zarem.—J. B.

OBJECTOS PERDIDOS

No posto da Polícia de Segu- rança Pública, desta vila, encon- tram-se depositados os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: um chapéu de homem, uma romeira (estilo antigo) e um par de ócu- los graduados.

Em FARO, adquira o «Noti- cias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo Antó- nio, 67.

PROVINCIA

TAVIRA

Visita ao Algarve

O sr. ministro das Obras Públicas visitou o Algarve. A grande e a pequena Imprensa já noticiaram o facto. O sr. ministro visitou Lagos, Caldas de Monchique, Portimão, Silves, Olhão e Faro, onde se infor- mou das obras em execução e dos problemas mais urgentes. Foi pena não visitar Tavira e outras terras do Sotavento do Algarve, para ver e remediar as obras em curso, principalmente em Tavira, onde as poucas que se estão realizando andam a passo de caranguejo, inex- plicavelmente.

A vida cara

Estamos informados de que nal- guns concelhos do Algarve foram intimados vendedores a justificar os preços praticados, e no Mercado Municipal de Faro foi processado um retalhista que vendia o peixe por mais 2\$40 em quilo que o lucro estabelecido. Seria interessante saber-se qual a margem de lucro que obtêm os vendedores de peixe no Mercado Municipal de Tavira. Como somos obrigados a comprar diariamente os artigos neste merca- do, custa-nos muito observar e ouvir o que dizem as donas de casa, quando necessitam de comprar os artigos do seu consumo. Tavira tinha fama de ser uma das únicas terras do Algarve onde o custo da vida era mais barato; hoje, mercê da falta de fiscalização, é onde mais caro se compra. Quem nos acode?

O Azeite

Conforme é do conhecimento público, foi permitida a mistura de Óleo de Amendoim no Azeite. Tavira, desta vez, marcou na rapidez. Após a notícia, vinda no «Século», no dia imediato era já vendido azeite com mistura, tendo desapare- cido da venda nas mercearias locais o azeite puro, como nas «má- gicas». Segundo lemos no jornal «República», aquele diário tem re- cebido muitas cartas de protesto sobre tal medida: «Uma dona de casa pobre» sugere que, em vez de se misturar o óleo de amendoim no azeite de oliveira, se vendam os dois produtos, mas separadamente, de forma a que os doentes possam ingerir, ainda que em menos quan- tidade, azeite puro de oliveira. É uma solução que nos parece poder e dever ser adoptada. A mistura é que não é aconselhável.

Partidas e Chegadas

A fim de assistir ao casamento de uma sua filha, foi a Lisboa o nosso prezado amigo sr. Alfredo Augusto Cordeiro, vereador munici- pal.

Acompanhado de sua esposa, foi à capital, tendo já regressado, o nosso querido amigo sr. Armando Vicente Gomes Cardoso. — C.

COMARCA DE LISBOA

1.ª VARA CÍVEL

Anúncio

(2.ª Publicação)

Perante a Comissão de Assistência Judiciária junto da 1.ª Vara Cível da Comar- ca de Lisboa e nos autos de pedido de benefício de assis- tência judiciária requerido por Ivone Alemão, que também usa o nome de Ivone Alemão Gonçalves, contra Manuel Bento Gonçalves, ausente em parte incerta, tendo tido por- rém o seu último domicílio conhecido na Serra de Va- queiros, concelho de Alcoute- im, comarca de Vila Real de Santo António, correm éditos de 30 dias, que começam a contar-se da 2.ª e última pú-

ALCOUTIM

Vice-presidente da Câmara Municipal

No passado dia 20 do corrente, tomou posse do cargo de vice-presi- dente da Câmara Municipal de Al- coutim o sr. Luís da Silva Lopes Corvo.

A posse, que se realizou na sala das reuniões da Câmara Municipal, foi-lhe conferida pelo sr. José Maria Mendes Amaral, presidente da Câ- mara Municipal, tendo assistido o funcionalismo e autoridades locais.

Estrada Municipal de Gíões ao limite do concelho

Pela importância de 105.400\$00 e em concurso público, realizado na Câmara Municipal, foi tomada pelo empreiteiro sr. Manuel Joaquim Pinto a obra «Construção da Es- trada Municipal de Gíões ao limite do concelho—2.ª fase— construção de um pontão ao perfil 89».

Estrada Municipal de Martin- longo ao limite do concelho

Pelo mesmo empreiteiro, foi dado início aos trabalhos da obra «Construção da Estrada Municipal de Martinlongo ao limite do conce- lho, por Vaqueiros—5.ª fase.—C.

10\$00

Envie esta importância em selos de correio e re- ceberá, sem mais despe- sas; um cinema de bolso em folha e 200 filmes, ou oito construções para armar, ou um almana- que com lindas histórias em quadrinhos para miú- dos, ou a história de Nos- sa Senhora de Fátima (ilustrada). Representan- te: CASA BRASIL — Ta- vira.



Agradecimento

Mariana da Concelção Madeira Celorico Drago

Seus netos, nora e filho, a todas as pessoas que, por escrito, verbal ou tácita- mente se tenham solidari- zado com o seu desgosto e às quais, por motivos alheios à sua vontade, não tenham podido correspon- der individualmente, vêm, por esta forma, agradecer- lhes, reconhecidamente, a cordialidade das suas presen- ças e acompanhamento.

Assinala e propaga «Noticias do Algarve»

blicação deste anúncio, citan- do aquele requerido ausente para, no prazo de cinco dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, aquele pedido de assistência judiciária que corre pela 1.ª Secção de Pro- cessos desta Vara.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1956.

O Chefe da 1.ª Secção,

José Fernandes Lêbre

Verifiquei a exactidão:

O Presidente da Comissão,

Luço Soares

PENTEADOS MODERNOS

NAS NOVAS LINHAS

EM PERMANENTES A FRIO, MORNAS E QUENTES

DESPIRAM CABELOS ENCRAPINHADOS

TINTAS, CORTES, MISES, etc.

Executa pela técnica mais actualizada o

CABELEIREIRO ETELBERTO

ARTE — CONFORTO — PERFEIÇÃO

SALÃO LAUREA

Rua D. Pedro V, 5-1.º — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 16 a 22 de Março:

Entrados: MEDEA, Holandês, de 499 ton., de Avilez, vazio. MOWE II, Alemão, de 999 ton., de Rouen, vazio. Saídos: MEDEA, Holandês, para Cork, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 24 a 30 de Março, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal, Telefone 49.

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA) cia. Aguardarei serenamente. Aprenderei com a minha amiga árvore, a esperar sem angústia a minha vez de florir.

Literatura Infantil

Há pessoas que se encantam com os vestidos, Trazer um novo modelo, apresentá-lo às amigas. Outras apreciam viagens. A fortuna que gastariam nisso, se a tivessem! A minha amiga E. o maior prazer dela era possuir um «Lambreta». Sair de Lisboa, passear, gozar o Sol, os pinhais... «Seria viver o dobro...» diz, com um suspiro.

Não? Cada qual tem a sua preferência ou—porque não dizer?—a sua mania. A minha é a dos livros infantis. Quem me quiser ver feliz é entregá-me um album com histórias. Tal como antigamente. Tal qual. Ficava quietinha horas e horas, a um canto. Ninguém dava por mim nem eu dava por ninguém. Quando vou à livraria, não descaço enquanto não desven- do as prateleiras coloridas. O resultado é a conta astronómi- ca que lá tenho todos os meses. Ainda ontem, por exemplo. Aconteceu vir parar-me às mãos «Históires des pays de neige». Não fis nada mais durante todo o dia. E os cento e vinte escudos deram no orçamento rombo difícil de calafetar.

Dou por mim a inquirir das raízes deste vício. Não é o pra- zer só da leitura. Real, sem dú- vida. Mas incompleto. Isto é: não há, da minha parte, uma adesão absoluta, ao menos para determinado tipo de literatura infantil. Difícilmente admito (ah, o mal de ser adulta!) a convenção das fadas, dos prin- cipes, das varinhas mágicas, das feiticeiras. Eu a ler e a procurar relações, simbolis- mos... Não. Não é só a leitu- ra. Talvez ainda mais o inter- esse didáctico: aprender os cam-inhos que melhor me poderdo levar à alma infantil. Talvez o prazer de contactar com a pu- reza do primeiro olhar, com a alegria da descoberta maravi- lhosas...

...E talvez tudo isto seja fo- go de artifício, com que procuro enganar-me a mim mesma. Haverá da minha parte, neste interesse pela literatura infantil, uma acção mascarada de fuga à realidade? Um modo de ilu- dir a dureza e a fealdade dela? Respondo-me terminantemente que não, oh, isso não.

Em todo o caso, vou estar vi- gilante.

Aventida silenciosa. E são des horas, apenas. Bem se diz que Lisboa é uma aldeia. A chuva crepita no asfalto. Cu- rioso! Imagino uma rede de sar- dinha, arrastada na areia. Uma boa rede, das antigas, na Com- panha do Sul do meu país natal. Os faróis encarnados dos au- tomóveis chapinham na água. «Eléctricos» sonhadores inven- tam, nos cabos de tensão, estre- linhas azuis. O autocarro que me serve demora. Está frio. Levanto a gola alta do casaco verde. Fora de moda. Uma gola imensa, orelha-de-coelho, que me protege a cara até aos olhos.

Sbilitamente, um apito de bar- co fura a noite. Fico suspensa. Inquieta. Algo em minhas veias correspondeu ao chamamento. Angústia de ficar em terra... O pesadelo em que se procura gritar e em que a intenção de gritar é tão poderosa que mata o próprio grito. Mar... O cami- nho que os meus lavraram. Meu pai, meu tio, meu irmão... A casa velha, hoje alugada, com sua sala de conchas, de búzios, de painéis votivos... As histó- rias de naufrágios, o chale preto de cadilhos, lágrimas, espe- ranças, desalento, as corridas de porta em porta: «O Júlia IV está à barra, eh gente!»

No fim, no fim de tudo, o cha- le preto de cadilhos pretos... O autocarro aproxima-se.

Maria Manuela Nunes

# ASPECTOS DA VIDA MODERNA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

A Lei, como todos sabem, é feminina, sujeita portanto às flutuações do tempo, da moda e do sexo. As fêmeas são quase todas dominadas pelos mesmos desejos, influências climatéricas e devaneios políticos, sem tocar na sua fraqueza sexual.

O amor, o temperamento, o clima, o ambiente e as relações sociais são factores que nos atiram para os braços do determinismo como uma francesa gentil nos pode remeter, em um escasso mês de férias, para o cemitério...

É uma simples questão de comunismo ocidental, não político, mas voluptuoso, retintamente animal.

Passaram já os seus 40 anos que conheci em Ferragudo um padre sério e exemplar. Tratava todos os fiéis, pobres ou ricos, com manifesto respeito. O seu nome não quero dizê-lo, tanto mais que faleceu há anos e só deixou amigos. Era um padre de elevada estatura e de metódica cortezia.

Uma única vez o vi pesado na sua profissão. Melancólico e recolhido, teve este desabafo:

— O meu Prelado voltou a recomendar-nos abstinência e o cuidado de não termos em nossa companhia serventes ou *amas* com menos de 50 anos de idade...

Fitei-o compadecido e ousei indicar-lhe o nome de um advogado velho, matreiro e versado nas mais complicadas entradas e saídas dos códigos. Aceitou a minha indicação.

Estivemos semanas sem nos avistarmos. Depois voltámos à fala e ele, com infinita satisfação, segredou-me:

— Consultei já o doutor Pimentel e ele disse-me ser fácil ladear a ordem do Bispo...

Em vez de uma matrona de 50 anos, posso ter ao meu serviço duas raparigas de 25 anos, como já tinha.

Felicitei-o e disse-lhe, a fechar o caso confidencial: — Os bons advogados descobrem remédio para tudo!

Assim foi, é e será sempre. Esta minha revelação não oferece o menor perigo nem compromete ninguém.

Todos estes personagens estão no Reino da Glória — menos eu.

Os advogados são, na verdade, indispensáveis à vida dos povos. Livram-nos de aflições, embaraços e conflitos.

Eu próprio já um dia advoguei nesta cidade onde habito, para livrar das garras da justiça o filho de um amigo.

Foi um julgamento político que deu brado e meteu um auditório abundante e escolhido. O resultado foi positivo — o réu absolvido.

Creio não ser preciso repetir o estribilho dos lisboetas do século passado: «A Cascais uma vez e nunca mais...»

Agora irei tratar de uma

mistificação recente, fresquinha como a sardinha algarvia, antes do aparecimento dos frigoríficos.

Existe uma lei que abrangge funcionários civis e militares para fins matrimoniais. Ouço falar nessa lei a favor e contra. Eu não a li e por isso não me atrevo a criticá-la — nem a favor nem contra. É matéria privativa de magistrados e advogados, principalmente dos segundos.

Não me esqueço da opinião ouvida há quinze anos a um juiz do Supremo Tribunal de Justiça: «Os advogados descobrem nas leis coisas que nós, magistrados, não conseguimos descobrir.» Nunca mais olvidei este pensamento de um magistrado algarvio, cuja amizade cultivei perto de meio século, apesar das nassas ideias políticas, literárias e religiosas serem inteiramente opostas.

No fundo, porém, os nossos sentimentos liberais harmonizavam-se idênticamente.

Uma rapariga provinciana estudava em Lisboa, com poucos recursos e órfã de pai.

Um oficial da Armada principiou a segui-la, a fitá-la e, baixinho, a dirigir-lhe frases meigas. Era novo e simpático. Ela também passou a gostar dele e a antever o seu futuro. Combinaram o casamento.

Um obstáculo grave surgiu, como um dragão invencível. A pequena e a mãe não tinham bens; o curso que ela fazia estava distante. Como resolver essa dificuldade? Consultar um advogado. O almejado casamento fez-se depressa. A solução foi esta: dois tios paternos da noiva depositaram cem mil escudos em nome da sobrinha, num Banco de Lisboa, quantia suficiente para respeitar a lei em vigor.

Um mês depois do casamento, a esposa do oficial da Armada levantou o depósito do Banco e entregou-o aos tios.

Uma mistificação legal que levou a felicidade a dois corações amantes!

Marcos Algarve

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: **MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!



# DESPORTO

## FUTEBOL

### Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

Disputou-se, no último domingo, a penúltima jornada da segunda volta do Campeonato Nacional de Futebol da III Divisão, tendo-se registado os resultados seguintes:

Lusitano, 8 — Esperança, 1  
S. Domingos, 1 — Despertar, 0  
Silves, 2 — Serpa, 3

#### LUSITANO-ESPERANÇA

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro».

Árbitro Manuel Valente, Beja. LUSITANO: Viegas; Toni, Pescada e Amândio; Padesca e Lopes; Amílcar, Marco, Raimundo, Travaços e Modesto.

ESPERANÇA: José Maria; Vidal, Brites e Amílcar; Paixão e Augusto; José António, Galaz, Pargana, Rosa e Américo.

O Lusitano conseguiu alcançar, frente a Esperança, o resultado mais robusto desta série, marcando nada menos de 8 golos, por intermédio de Marco (3) e Padesca, de

## ESCUTISMO

Com a comparticipação dos Grupos n.º 6, de Olhão, 60, desta vila e 77, de Faro, dos Escuteiros de Portugal, teve lugar em 18 do corrente, na capital algarvia, nas instalações da Casa do Alentejo, a comemoração da fundação do Escutismo no Algarve.

Os Grupos formaram, em continência, pelas 9 horas, ao serem hasteadas as bandeiras nacional e do «77» e desfilaram, às 11 horas, pelas principais ruas da cidade.

As 15 horas, realizou-se uma Sessão Solene, a que presidiu o sr. dr. Gordinho Moreira, ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro, ladeado pelos srs. drs. Torres Vieira e Rocheta Cassiano, da Comissão de Honra e Patrocínio do Grupo visitado, e João Trigueiros, da Fraternal dos Antigos Escuteiros. Aberta a sessão, falou em primeiro lugar o sr. dr. Torres Vieira, que agradeceu ao sr. presidente da Câmara de Faro o ter-se dignado presidir às comemorações que se estavam efectuando, e enalteceu o papel preponderante desempenhado pelo Escutismo na formação e educação das juventudes. Falaram depois os srs. dr. Rocheta Cassiano, que analisou as relações entre a cultura física e o Escutismo na preparação dos jovens, e João Trigueiros, que historiou o Escutismo no Algarve, desde o seu aparecimento aos nossos dias. Usou a seguir da palavra o sr. dr. Gordinho Moreira, que em termos elogiosos se referiu ao Escutismo como método educativo, fazendo votos pelos progressos do movimento e dos Grupos que na nossa província o representam.

Terminou a parte solene da Sessão com a cerimónia do Compromisso de Honra dum lobito e dum escuteiro e a entrega de vários distintivos e prémios aos escuteiros e patrulhas, tendo as comemorações finalizado com uma sessão recreativa, também assistida pelas entidades a que acima nos referimos e em que tomaram parte todos os Grupos presentes.

Os escuteiros do «60» tiveram ensejo de visitar pormenorizadamente os Museus Marítimo e Arqueológico de Faro, o que fizeram com bastante interesse.

### VENDEM - SE

2 engenhos para nora, em estado de novos, prontos a entregar.  
Dirigir a Desidério Rosa — Vila Real de Santo António.

**PORTO RAINHA SANTA**

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

**RODRIGUES PINEO & C.**  
Vila Nova de Gaia

# JOÃO DE DEUS GUIMARÃES HOMENAGEM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

táveis que o forçaram a emigrar, percorrendo então diversos países da Europa e da América.

Colaborou com Sidónio Pais e era um dos indicados na lista trágica da camioneta-fantasma do 19 de Outubro.

Era um homem de extraordinária coragem e abnegação, tendo salvo em Coimbra, num grande incêndio, com risco de vida, algumas pessoas de nacionalidade francesa, pelo que foi agraciado com a Legião de Honra. Recebeu também uma medalha do nosso Governo por um outro acto de abnegação: salvou um indivíduo que estava prestes a afogar-se no Tejo.

Além de numerosas poesias dispersas, publicou: «Apontamentos para os concursos telegrafo-postais», «Carta aberta a el-rei D. Manuel», e um «Tratado contra o jogo da roleta». Colaborou em jornais humorísticos, foi redactor dos jornais políticos *O Tempo*, de José Dias Ferreira, *O Progresso* e *O País*, de Meira e Sousa, e dirigiu um dos diários lisboetas que teve por título *Portugal*.

Congratulamo-nos por este achado e muito mais por João de Deus Guimarães ter honrado a terra que lhe foi berço — pela sua craveira mental, pela sua coragem e pelos actos humanitários que praticou.

### MESTRE DE FÁBRICA

Precisa-se um mestre de fabrico de conservas de peixe, em Olhão.  
Propostas à PENSÃO MATEUS — Vila Real de Santo António.

## Agradecimento

A família de Teresa Alice Ribeiro Alves vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que tiveram a gentileza de acompanhar a sua querida extinta à sua última morada.

A Comissão encarregada de angariar fundos para a construção, na Vila de Alcoutim, de um busto em memória do saudoso dr. João Francisco Dias, acusa e agradece a entrada de mais os seguintes donativos:

Transporte	12.047\$20
Alberto Rodrigues Galrito	50\$00
Avelino José Palma	40\$00
Vários de Aljustrel	155\$00
Monte de Corte das Donas	180\$00
Monte do Serro	510\$00
Monte do Marmeleiro	920\$00
Monte de Corte da Seda	840\$50
Monte do Alamo	372\$00
Monte de Laranjeiras	351\$50
Montinho	250\$50
A transportar	15.716\$70

Qualquer donativo para o fim em vista deve ser enviado para o Presidente da Câmara, Comandante do Posto da G. N. R. ou Provedor da Misericórdia.

## VENDE-SE

**MOTOR MARÍTIMO SKANDIA**  
180 H. P.  
EM BOM ESTADO  
Rua Infante D. Henrique, 61-2.º  
PORTO

## PRAIA DE MONTE GORDO PRÉDIO

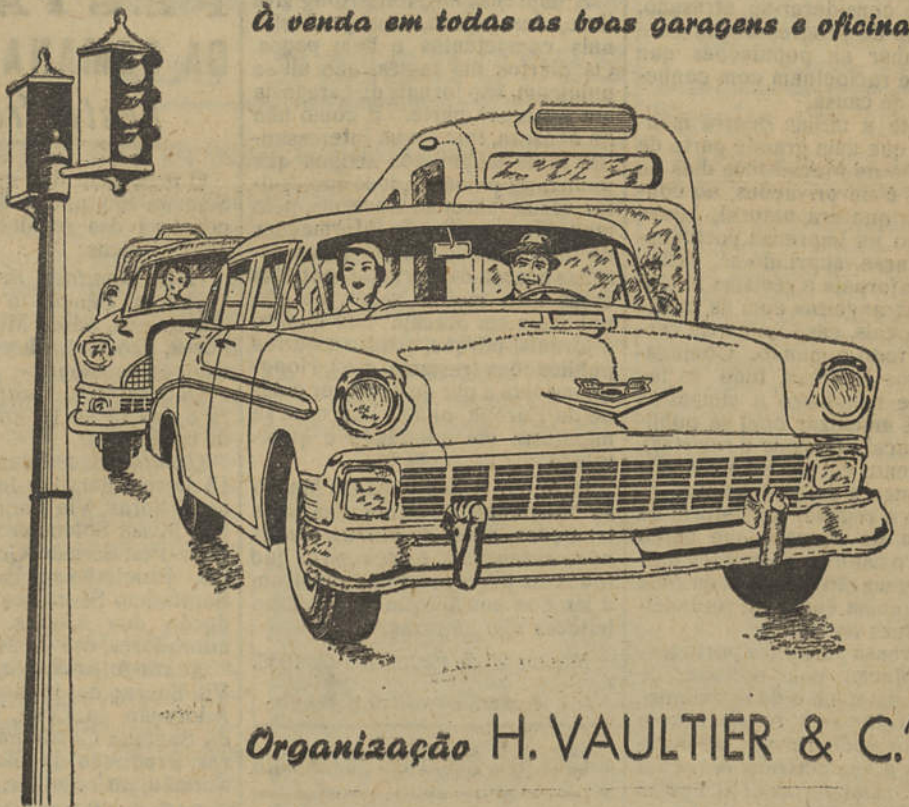
Vende-se um prédio bem situado, com três frentes, 10 divisões, quintal, terraços, água canalizada, luz eléctrica, esgotos, toda mosaicada, de boa construção e preço acessível, podendo facilitar-se pagamento.  
Chave — Rua António Nola, n.º 23 — Maria Cândida Lopes.  
Proprietário — Evaristo de Vasconcelos, Av. João XXI, 22-4.º Dt.º — Lisboa.



# EAGLOIL Superlube

O LUBRIFICANTE QUE O SEU CARRO EXIGE

À venda em todas as boas garagens e oficinas



Organização H. VAULTIER & C.ª

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESTÁ a viver Vila Real de Santo António um dos seus momentos mais felizes.

O Governo, pela intervenção de um ilustre ministro, cujo nome ficará para sempre gravado no espírito dos vilarrealenses, mandou construir a doca de Pesca.

Vila Real de Santo António, a pombalina, viu assim satisfeita uma das suas grandes aspirações, que, escusado será encarecer, trará a situação económica algarvia, e implicitamente à economia de Portugal, enormes benefícios.

Bem haja, pois, o sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira, por haver ouvido os rogos dos algarvios, que há tanto tempo clamavam, ansiando ver satisfeita uma das suas mais legítimas aspirações.

Foi, sem dúvida, a acção conjunta de alguns que tornou possível a materialização deste anseio vilarrealense.

Mas parece-me justo destacar, dentre aqueles que de alma e coração se lançaram na empresa de dotar Vila Real de Santo António com uma Doca de Pesca, o nome de um vilarrealense de raça — José Barão.

Não é o autor destas linhas algarvio, pelo nascimento, mas ligado por elos familiares ao Algarve, habituou-se a sentir de perto os problemas que alegrem ou entristecem os algarvios.

E, talvez por isso, pretenda vir publicamente agradecer a José Barão, um homem que, sem desempenhar qualquer função oficial e sem alardes publicitários, tanto tem feito em benefício da terra que lhe serviu de berço.

Parece-me chegado, também, o momento próprio para Vila Real de Santo António agradecer a José Barão, a propósito da construção da Doca de Pesca por que ele tanto pugnou, o muito, o imenso que tem lutado pela sua terra.

Ele vive, como estou certo poucos viverão, os problemas da sua terra, oferecendo para a resolução deles a sua inteligência, o seu dinamismo e a sua persistência.

Numa terra, em que, como a nossa, por tudo e por nada se presta o culto da homenagem, e quantas vezes é forçado esse culto, sinto dever imperioso de consciência que no caso presente os algarvios, e muito especialmente os vilarrealenses, reconheçam o mérito da actividade exercida por José Barão em prol de Vila Real de Santo António.

Eu, lisboeta por nascimento, mas algarvio pelo coração, sinto haver cumprido um dever de gratidão, pelo muito que pelo Algarve e pela sua terra fez este homem.

Lisboa, Março de 1956.

José de Moraes S. Honrado

GIL EANES

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

passara ao serviço do infante, pouco depois de vir ao mundo.

Em 1453, D. Henrique distribuiu-lhe um navio e mandou-o ir defrontar os monstros. Gil Eanes partiu com o mais vivo entusiasmo, mas aquele fogo de alma foi-se lhe apagando no peito na medida que se aproximava do lugar do perigo, e não passou além das Ilhas Canárias.

Ali chegado, e tomando melhores informações, voltou para trás, a dar contas a seu amo que tivera tanto medo que o próprio barco se lhe pusera às avessas!

O infante sorriu da ingenuidade e convenceu-o a experimentar de novo, depois de lhe fazer o seguinte discurso:

«Vos não podeis achar perigo que a esperança de galardão não seja muito maior. E em verdade eu me maravilho que imaginação foi essa que todos tomais de uma coisa de tão pequena certidão, porque se ainda estas coisas que se dizem tivessem alguma autoridade, por pouco que fosse, não vos daria tamanha culpa, mas quereis-me dizer que por opinião de quatro mareantes, os quais, como são tirados da carreira de Flandres, ou de alguns outros portos, para que commente navegamos, não sabem mais ter agulha nem carta para marear; porém vós ide todavia, e não temais sua opinião fazendo essa viagem, porque com a graça de Deus não podereis dela trazer senão honra e proveito.»

Gil Eanes pôs-se de novo a caminho, na certeza de que morreria, antes de conseguir o fim que o infante desejava, e em 1454, no mesmo barco da primeira tentativa, sulcou as ondas, sem medo nenhum por ir disposto a morrer.

Próximo daquele ponto onde tinha a morte como coisa certa, cerrou os olhos de modo que apenas visse a faixa que era preciso seguir, para não deixar desviar o barco. Sentia a impressão de girar em volta do abdome de um gigante tão volumoso como a serra de Monchique, contra o qual as ondas batiam numa altura cujas gotas em que se dispersavam lhe encobriam o céu e a terra, como se nada mais existisse senão uma espessa neblina.

Em Lagos, e noutras terras algarvias, a um homem de ventre

desconforme, diz o povo que tem bocha ou boja, e desta palavra formou Gil Eanes o nome de cabo «Bojador», com que ficou sendo conhecido o promontório.

Onde este começou a reduzir as dimensões, as ondas a bater com menos fragor, viu pelo canto do olho ficar-lhe para trás o perigo e a admiração de lhe ter custado tão pouco a passar o terrível promontório foi de tal ordem, que ordenou aos tripulantes que cesassem de remar!

Mandou soltar um batel, meter alguns homens dentro dele, a sondar o terreno. Nenhum vestígio de moradia, nem rasto de homem ou de animal encontraram. E querendo levar ao príncipe uma recordação do lugar aonde chegaram, mandou colher um braço de erva florida, semelhante a malmequeres, que ainda hoje tem no Algarve o nome de erva e flor de Santa Maria e que, transplantadas para os jardins de Lisboa, deu a flor chamada «maravilha».

De volta a Lagos, recebeu-o D. Henrique com o maior regozijo, armando-o logo cavaleiro, e dando-lhe logo todas as recompensas que nunca regateou a quem bem o serviu.

Estava para sempre quebrado o encanto, destruída a barreira levantada desde o começo do mundo, diante dos povos ocidentais que desejavam saber onde a África acabava ao sul, por onde poderiam chegar à Índia.

Para não deixar esmorecer o ardor ateadado nos seus cavaleiros pela grande façanha de tão modesto marinheiro, pensou logo D. Henrique proseguir imediatamente nas descobertas. E mandando armar um barinel, confiou o seu comando a Afonso Baldaia, seu copeiro, e enviou-o juntamente com Gil Eanes, na sua barca, a fazer novas descobertas para além do Cabo Bojador.

Nesta viagem passaram cinquenta léguas para sul do Promontório, e chegaram a uma angra a que puseram o nome de «Angra dos Ruyvos», pela grande quantidade destes peixes aí encontrados.

De sinal de homem, só acharam as pegadas misturadas com as do camelo, voltando a Portugal, a dar conhecimento a D. Henrique, na vila de Sagres.

A notícia da passagem do Cabo Bojador pelos portugueses espalhou-se rapidamente pela Europa e todos os dias chegavam cartas a Lisboa com pedidos dos mais ilustres príncipes do norte, solicitando um lugar a bordo de um navio das descobertas.

A Sagres chegou um pedido do rei D. Duarte, para D. Henrique, que fosse imediatamente a Lisboa a ajudar a varrer da cabeça do infante D. Fernando uma mania que nela se meteu de procurar um lugar como guerreiro num exército do norte, onde pudesse alcançar as esporas de ouro de cavaleiro, com que seus irmãos mais velhos tanto se ufanavam, ganhas quando ele, pela idade, não podia tomar armas.

Esta intervenção teve a marcha das descobertas paralisada até 1440.

Sousa Nunes

FESTAS DA SEMANA SANTA nesta freguesia

O programa das cerimónias da Semana Santa, que hoje começa, constará das seguintes solenidades litúrgicas:

Hoje, Domingo de Ramos, às 11 horas, Bênção e distribuição dos Ramos, Santa Missa; às 17,30 horas, Procissão dos Passos, Sermão, ao recolher.

Quarta-feira Santa, das 9 às 12 e das 15 às 18 horas, Serviço de confissões.

Quinta-feira Santa, das 9 às 13 horas, Serviço de confissões; às 10 horas, Via Sacra; às 13 horas, Missa Solene da Ceia Pascal, Lava-Pés, Sermão, Comunhão Geral, Procissão e Exposição do Santíssimo Sacramento e Desnudação dos Altares. Turnos de adoradores, até às 24 horas.

Sexta-feira Santa, às 10 horas, Via-Sacra; às 16 horas, Paixão, Adoração da Cruz, Distribuição da Sagrada Comunhão; às 22 horas, Procissão do Santo Entero, Sermão, ao recolher.

Sábado Santo, às 10 horas, Via-Sacra; às 22,30 horas, Solene Vigília Pascal, com bênção do Fogo e do Círio Pascal, Profecias, bênção da Água Baptismal, Renovação das Promessas do Baptismo. Missa Solene de Aleluia e Comunhão.

MAIS DE 200 PARQUES DE CAMPISMO HÁ PRESENTEMENTE NA ITÁLIA

O CAMPISMO, considerado hoje a forma mais original do turismo social, está a tomar um extraordinário incremento em Itália, país que se presta à maravilha para este género salutar de recreio e repouso.

O Estado dispensa-lhe o maior carinho, e para coordenar as diversas actividades neste importante sector, foi criado um organismo especial: Federazione Italiana del Campeggio, que se propõe encorajar e difundir a prática do «camping».

Actualmente funcionam em Itália mais de 200 parques, 27 dos quais localizados em florestas do Estado. Além destes parques, há também «camps» ou aldeias de tendas da iniciativa do Touring Club Italiano, a mais antiga agremiação italiana, que desde há vinte anos dedica um interesse especial à prática do campismo e publicou a «Guia do Campista em Itália» que suscitou a paixão de numerosos aderentes por esta forma especial de turismo.

Em 1954 mais de 500.000 campistas italianos e estrangeiros passaram as suas férias sob a tenda.

Esperemos que as obras do nosso parque de campismo, que será o primeiro do Algarve, comece o mais breve possível.

«O CONDE DE BOLONHA»

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

Conde de Bolonha — que acabámos de ler com muito agrado —, todos estes factores se conjugam para nos darem, através das cinco novelas que compõem o livro, um interessante conjunto de outros tantos quadros da História pátria, onde o enredo novelístico é introduzido com notável subtilidade, não apertando, de forma alguma, nos seus aspectos mais dominantes, a verdade histórica.

Precedidas de um bem documentado estudo sobre os povos que habitaram primitivamente a Península Ibérica e a influência que exerceram neste extremo ocidental da Europa, sob os aspectos étnico, social e político, as cinco «novelas» que formam este volume constituem, essencialmente, valiosos trabalhos de investigação histórica sobre os reinados dos cinco primeiros monarcas da dinastia Afonsina.

Numa metódica sequência cronológica, os sucessos de maior relevo e que influíram de maneira mais decisiva na vida lusitana, desde os alvares de nossa nacionalidade até à consolidação do Reino, são expostos e analisados por Sousa Nunes com a clareza, a concisão e o rigor que usualmente observa em todos os seus trabalhos e que, por isso mesmo, e muito justamente, o consagram como investigador erudito e consciencioso. Por outro lado, o discutível mal da «secura emotiva», na expressão de um conhecido crítico, de que porventura enfermam as «reportagens» retrospectivas da História, não o lobrigámos através das páginas de «O Conde de Bolonha», porquanto o autor soube emprestar a essas imagens do Passado, diluídas na poesia dos séculos, vida e acção, movimento e colorido, tanto no pormenor como no essencial — desde os êxtases românticos da Ribeirinha, às valorosas liças, regadas de generoso sangue lusitano, com que os nossos heróicos maiores andaram dilatando a Fé — e a Fazenda.

Está, pois, de parabéns o sr. major José de Sousa Nunes por mais este notável trabalho, que vem confirmar as suas brilhantes qualidades de escritor e de investigador histórico. — D. P.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

MEDIDA DE SALUBRIDADE QUE DEVERIA SERVIR DE EXEMPLO A TODOS OS MUNICÍPIOS

A CÂMARA Municipal de Sesimbra, a que preside de o sr. eng. José Brás Roquette, um dos mais activos presidentes de Câmara que conhecemos e a quem a sua terra deve um magnífico bairro para classes pobres, aprovou, por unanimidade, que os proprietários dos prédios que figuram em editais afixados nos lugares públicos «procedam às devidas obras de reparação para maior salubridade geral e eliminar o mau aspecto que os referidos prédios produzem.»

Conhecemos Sesimbra, que frequentamos com assiduidade, temos lá, além do sr. eng. Brás Roquette, muito bons amigos e nunca se nos deparou, naquela linda e activa terra de pescadores e banhistas, montureiras como estas que por aqui há e nos lugares mais céntricos, que nos envergonham e não favorecem a nossa situação de porta de entrada de Portugal.

Que o exemplo de arrumo e salubridade dos sesimbrenses nos contagie, são os nossos desejos.

O PROBLEMA DOS MERCADOS

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

de ser dignos, na sua arquitectura e nas suas boas acomodações, da categoria da terra. E' certo que, por enquanto, ficam um tanto excéntricos, mas tal inconveniente não se pode evitar e há que considerar que, possivelmente, dentro de poucos anos, a Rua Teófilo Braga estender-se-á, com ligeiras soluções de continuidade, até ao ramal de estrada que vai para Monte Gordo.

O que talvez seja prudente, depois de construídos os projectados mercados, é conservar ao serviço o actual mercado hortícola, que servirá grande parte da vila e que não deve afectar de modo nenhum o funcionamento dos novos mercados, aos quais não faltarão concorrentes, que hoje não têm lugar no mercado 1.º de Maio, nem público que os frequente. A não ser que a Câmara tenha necessidade do imóvel ou apareça alguém a adquirir-lo para o substituir, em prazo de tempo curto, por edificações residenciais.

Há também, depois, que pensar, removida a casa da lota para o local próprio — a doca de pesca — no destino a dar ao pardiouro da fábrica Salles, que tanto afeia a nossa mais linda artéria, onde, além desta, há outras mazelas vergonhosas. Repare-se nas esquinhas da embocadura da Rua da Espanha. E já agora permitimo-nos sugerir à nossa Câmara que se acabe de vez com a montureira contígua ao torreão pombalino.

O prédio que ali havia foi demolido, para em seu lugar se fazer um jardimzinho que delimitasse a fronteira pombalina, o qual terá um parceiro junto do torreão Norte, no quintal da residência da família Sanches.

Parece-nos que é a altura da Câmara começar a preo-

UMA CRÓNICA POR SEMANA

[CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA]

tresandar a museu. E' preciso que os práticos, aqueles que, dia-a-dia, cruzam as estradas e as ruas, vão apontando os anacronismos e gizando as medidas a tomar.

«Cada cabeça sua sentença» e, portanto, dir-se-á muito dispartado e muita coisa acertada. Haja alguém que saiba separar o «trigo do joio».

Entretanto, damos a palavra ao Jornalista (com J grande) que costuma fazer a «Nota do dia» do nosso colega «Diário de Lisboa»:

CONDUZIR

«Ultrapassar não constitui, evidentemente, o único perigo para quem anda na estrada. Conduzir mal ou com excessiva prudência representam, igualmente, riscos que não afectam apenas os maus condutores, mas perturbam de tal modo o trânsito que põem em perigo a segurança dos outros. Conduzir impõe obrigações, não confere apenas direitos. Uma delas consiste em andar de modo a não empachar o trânsito, a não impedir que os outros andem a uma velocidade normal. Um andamento excessivamente moderado, nas ruas como na estrada, lança a perturbação no trânsito e pode ser causa de desastres. Nem oitavo nem oitenta. Não se exigem, devem mesmo evitar-se, velocidades de loucura, mas não se pode levar a preocupação da segurança a excessos de prudência que prejudiquem os outros. Esses excessos, na maioria dos casos, representam timidez, falta de prática, azelhive — para dizer a palavra consagrada. E quem não está seguro de si próprio, quem não confia na sua prática de conduzir, não vai para a estrada com um volante na mão, pois não arrisca apenas a sua vida, põe também em perigo a do seu semelhante. A liberdade tem limites que importa conhecer e respeitar. Por todas estas razões, são de aplaudir as campanhas de propaganda que os clubes da especialidade lançaram a favor da segurança no trânsito. A prudência será, sem dúvida, o melhor meio eficaz da segurança, mas convém distinguir entre a verdadeira prudência e a azelhive — para louvar a primeira e obstar aos inconvenientes da segunda».

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«SEMANA SANTA-AIAMONTE»

Editado pela «Agrupación de Cofradías de Ayamonte», recebemos um interessante Álbum ilustrado, em formato de revista, no qual se contém o programa oficial das festividades da Semana Santa aiamontina e se faz a propaganda daquelas luzidas solenidades.

O Álbum referido apresenta-se profusa e magnificamente ilustrado, contendo numerosa e variada publicidade e excelente colaboração adequada, pelo que, agradecendo a gentileza da oferta, felicitamos o grupo de Confrarias que o editou, pelo seu valioso e útil empreendimento, que representa um louvável esforço em prol da vizinha cidade andaluza.

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

CARTA DE LONGE

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

já notável pelas suas publicações, merecendo também referência uma resenha jornalística publicada pelo reverendo padre Manuel Teixeira, que pela história desta nossa velha província muito se tem interessado. Destes curiosos e apreciáveis trabalhos se infere que a Imprensa em Macau tem tido épocas dignas de nota, que bem manifestam o adiantamento deste cantinho de Portugal na China.

\*\*\*

A Imprensa digna, expansiva, independente, justa e correcta, é o máximo reflexo da civilização de um povo.

País onde os polígrafos se não manifestam, com absoluta liberdade, pode considerar-se atrasado, à margem do progresso que deve acompanhar as populações que pensam e raciocinam com conhecimento de causa.

Durante a última guerra mundial, em que uma grande parte da população de Macau teve dias de angústia e de privações, ao contrário do que era natural, houve progresso na Imprensa portuguesa e chinesa, suprimindo-se, assim, a falta de jornais e revistas nacionais e estrangeiras com as publicações locais, caso único, de certeza, em todo o mundo. Conjugados certos esforços, tudo se fez para que triunfasse a simpática tarefa de amenizar com as publicações locais (jornais e revistas), o isolamento em que aqui vivemos durante cerca de quatro anos. E' um facto a registar na história da Imprensa de Macau, que muito enaltece o esforço português nestes paragens tão distantes da Mãe Pátria e numa época de verdadeira incerteza no futuro.

A imprensa periódica portuguesa em Macau, pela escassez de grandes anúncios e de assinantes, tem de estar sempre entregue a quem não pode, apenas, dedicar-lhe toda a sua actividade, toda a sua vida. Daí certas deficiências justificadas, que devem ser consideradas com critério bem intencionado; e sem a exigência de se pretender que a Imprensa assumia atitudes que, de antemão, se sabe lhe não são permitidas.

Luta-se, igualmente, em Macau, com a falta de tipógrafos que co-

nheçam bem a língua portuguesa, o que não sucede em Hong-Kong e noutras cidades do Extremo-Oriente, onde os tipógrafos trabalham conhecendo o assunto da composição.

Ora, se é verdade que fomos os primeiros, não podemos deixar de convir que antes da guerra estávamos em último lugar, onde, infelizmente, actualmente nos encontramos. A Imprensa portuguesa em Macau, de há muito só interessa à população nacional, com a agravante de haver quem assine, de preferência, os jornais ingleses de Hong-Kong, que aqui chegam no mesmo dia em que são publicados e satisfazem plenamente, sob todos os aspectos.

A imprensa em Hong-Kong vive livre, desafogada, com profissionais competentes e bem pagos. Os diários em inglês, que ali se publicam, são jornais de categoria em qualquer parte. E como não há censura, tornam-se interessantes pelos magníficos artigos que publicam; pelos ataques que, muitas vezes, fazem ao Governo; pelo magnífico serviço de informações de todo o mundo, e até pelas notícias acerca de Portugal, notícias essas que, muitas vezes, se não publicam em Macau. Isto quanto a jornais, porque, quanto a outras publicações (revistas, etc.), Hong-Kong está a par de qualquer cidade da Europa, onde a Imprensa se manifesta em qualidade e quantidade.

Para que a Imprensa em Macau se mantenha à altura das suas tradições, além de outras condições essenciais, é necessário que todos os portugueses se resolvam a ler e se convençam de que sem leitores não há jornais.

Macau, 25 de Fevereiro de 1956.

J. de Carvalho e Régio

Visado pela Comissão de Censura

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segurança garantida e o mais útil e proveitoso publicidade.